



© Kika Artunes

O nascimento da afeição a Cristo

Notas da meditação de Julián Carrón durante o Tríduo Pascal de 2021
dos universitários de Comunhão e Libertação por videoconferência

O nascimento da afeição a Cristo

Notas da meditação de Julián Carrón durante o Tríduo Pascal de 2021 dos universitários de Comunhão e Libertação por videoconferência

Quinta-feira Santa, 1º de abril de 2021

2

- *Al mattino*
- *Ballata dell'uomo vecchio*

Toda manhã recomeça o drama da vida, como acabamos de ouvir: “De manhã, Senhor, de manhã / a minha ânfora está vazia à fonte” (A. Masagnì, “Al mattino”, in *Canti*, Milão: Società Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 2014, p. 180), ou seja, toda “cheia” de desejo, de um desejo premente de realização, como cada um de nós hoje.

Esse desejo esbarra numa experiência que se impõe: “A tristeza que há em mim, o amor que não há / têm mil séculos” (C. Chieffo, “Ballata dell'uomo vecchio”, in *Canti*, op. cit., p. 218). Foi o que testemunharam alguns formandos com quem conversei na semana passada. Disseram: “Minha vida está se apagando lentamente”; “O entusiasmo inicial está um pouco apagado, já não encontro em mim o ímpeto que tinha”; “Estou completamente apático. Nada me toca, nada me atrai”; “Tenho dificuldade em apreciar as coisas. Há interesse, mas me dou conta de que ele não prevalece sobre a dificuldade”. Não têm ainda vinte anos, mas já estão envolvidos numa luta sem trégua com o nada.

O que vemos acontecer na experiência mostra que o eu, o nosso eu, é o cruzamento entre o ser e o nada. É uma alternativa que os gênios literários descreveram de forma fascinante. “A compensação por ter sofrido tanto é que depois morremos como cães” (cf. C. Pavese, *O ofício de viver*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988), observa Pavese. Por outro lado, com uma percepção diametralmente oposta da existência, Ada Negri

escreve: “Não há momento / que não fique gravado em nós com a força / dos séculos; e a vida tem, em cada batimento, / a tremenda medida do eterno” (A. Negri, “Tempo”, in Idem, *Mia giovinezza*, Milão: Bur, 2010, p. 75).

Quer queiramos, quer não, a alternativa entre estas duas possibilidades introduz-se nos nossos dias quando ainda estamos debaixo das cobertas, assim que abrimos os olhos. Concerne a cada um de nós. Mais ou menos conscientemente, toda manhã todos tomamos uma decisão, num sentido ou no outro: morrer como cães ou viver segundo a medida do eterno. Quem não se contenta em morrer como um cão, leva em consideração as perguntas que vê explodir em si, como demonstraram os formandos que acabei de citar. Há neles uma urgência de vida que se torna grito: “O que pode realmente destruir o tédio, a

apatia, e fazer-me recomeçar a viver?"; "Como faço para aproveitar estudo e as aulas mesmo quando o interesse não prevalece, mas sim a dificuldade ou a tristeza?"; "Como posso ter o coração aberto mesmo nas dificuldades?" A luta deles, tal como a nossa, é uma luta por um desejo de vida que nada pode eliminar das fibras do nosso ser.

E então se entende que o problema não é multiplicar discursos ou propósitos, mas ver se há algo capaz de nos resgatar do nada que invade as nossas vidas. O que é capaz de vencer a apatia, o desinteresse, a tristeza, o apagamento da vida, numa palavra, a morte? Os pensamentos e os discursos são impotentes. Só a vida pode desafiar o nada que se infiltra nos nossos dias e a tentação de nos abandonarmos a ele! Atenção, porém, para não nos confundirmos, porque "a vida" pode ser uma expressão vazia. Não podemos achar que conseguimos nos virar repetindo palavras.

Tentemos perguntar-nos: onde vimos florescer a vida em toda a sua intensidade? Quando a identificamos? Paremos para olhar com atenção o que nos aconteceu: o que despertou em nós a vida? Quem introduziu em nós a semente de uma vida diferente, entusiasmante? É isto que cada um é chamado a identificar: é preciso reconhecer o que desafiou e desafia o nada em nós, hoje! Por isso, convido vocês a pensar, no início destes dias – é esta a luta em que estaremos imersos –, se e quando é que a vida explodiu e explode em nós. Todos nós já temos experiência suficiente para saber que qualquer esforço da nossa parte é, em última instância, impotente para nos proporcionar uma vida capaz

de combater a morte. Por outro lado, confirmando isto, especialmente hoje, os argumentos lógicos não movem e já não convencem ninguém, assim como as exortações. Que discurso, ainda que verdadeiro, ou apelo moral, ainda que justo, tem a capacidade de chegar ao âmago do eu, derrotando aquele vazio de significado em que caímos tão facilmente – e, tantas vezes, inconscientemente?

Faz dois mil anos que ecoa um anúncio: Deus enviou ao mundo o seu Filho para desafiar o nada. De que modo? O gênio de Péguy, que desde sempre acompanha esta nossa Semana Santa, expressou isto de uma forma insuperável: Jesus "não perdeu os seus anos gemendo e interpelando a maldade dos tempos. Ele vai direto ao ponto. De um modo muito simples. Fazendo o cristianismo. Ele não se pôs a culpar, a acusar ninguém. Ele salvou. Não culpou o mundo. Ele salvou o mundo" (cf. C. Péguy, *Dialogo della storia con l'anima carnale (o Véronique)*, in Idem, *Lui è qui. Pagine scelte*, Milão: Bur, 2009, p. 110). Como foi que salvou? Como foi que venceu o nada? Com a vida. "Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância" (Jo 10,10). "Quem tem o Filho, tem a vida; quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida" (1Jo 5,12). Ninguém nunca tinha conseguido desafiar o nada com a superabundância de uma vida; não abstratamente, portanto, não com raciocínios, não com auspícios, mas no terreno concreto da experiência humana. Ao fazê-lo, Cristo demonstrou conhecer melhor do que nenhum outro a expectativa desmesurada do coração do homem, a sua natureza. Provam-no as Suas palavras: "Que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, mas arruinar a sua vida? Que poderia dar em troca de sua vida?" (Mt 16,26). Cristo conhecia bem a profundidade do nosso desejo e o abismo da nossa fraqueza, a nossa facilidade em mergulhar no vazio, em irmos contra

"O que despertou em nós a vida? Quem introduziu em nós a semente de uma vida diferente, entusiasmante? É isto que cada um é chamado a identificar: é preciso reconhecer o que desafiou e desafia o nada em nós, hoje!"

nós mesmos, e também sabia bem que não bastariam palavras para desafiar esse vazio, para satisfazer a urgência do desejo. Só uma superabundância de vida poderia atrair o homem e convencê-lo a não se abandonar ao nada. É esta superabundância que Ele veio trazer, o conteúdo da Sua proposta. Pensemos na Samaritana no poço: ninguém, como aquele homem, jamais tinha conseguido captar a sua sede sem limites, que as numerosas tentativas dela não tinham sido capazes de aplacar; ninguém jamais tinha sonhado em afirmar toda a dimensão do seu desejo, de assegurar a sua satisfação: “Aquele, porém, que beber da água que eu darei, nunca mais terá sede” (Jo 4,14). A proposta que Cristo nos dirige é tão impossível de imaginar da nossa parte, que Ele próprio nos deu nas mãos o critério para verificar a sua verdade na nossa experiência: “Quem me segue receberá cem vezes mais aqui” (cf. Mt 19,29), ou seja, poderá ver a vida explodir cem vezes mais, atravessará as provações que se apresentarem de uma forma cem vezes mais humana: o nada perde toda a sua força tão logo a “Vida” se aproxime da sua vida. Reconhecer essa presença é fácil: quando entra no horizonte da nossa experiência, ela suscita uma correspondência ao coração que parecia impossível. Como aconteceu a João e André: assim que O viram, experimentaram uma correspondência sem igual e ligaram-se a Ele. É simples reconhecê-Lo, hoje como no início.

4

“Mas como é que essa vida que Cristo veio trazer chega até nós? Como é que nos alcançou e atraiu, a mim e a você? Através da graça dada a um, Dom Giussani, através do seu ‘ímpeto de vida’”

Desde então, a vida tem um nome: Cristo. “É a vida da minha vida, Cristo. Nele se reúne tudo o que eu queria, tudo o que eu procuro” (*L'uomo e il suo destino. In cammino*, Gênova: Marietti 1820, 1999, p. 57), dizia Giussani. Mas como é que essa vida que Cristo veio trazer chega até nós? Como é que nos alcançou e atraiu, a mim e a você? Através da graça dada a um, Dom Giussani, portanto através do seu “ímpeto de vida”, da sua “febre de vida”! É isto o carisma, dado a um para nós hoje: um ímpeto de vida. “Sinto-me portador de um ímpeto de vida e, por isso, justamente, de um carisma. [...] Tudo o que ele suscita é um maravilhamento ainda maior do que o próprio início” (L. Giussani, “Laico, cioè cristiano”, in C. Di Martino (Org.), *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, Roma: EDIT-Il Sabato, 1993, pp. 51-52). Foi isso que me conquistou ao encontrar o Movimento, assim como conquistou vocês.

O Movimento é “um Acontecimento [...], não uma organização [...], és tu que estás em jogo”. Estamos em jogo, você e eu. O Movimento é para “mobilizar a vida e a converter”; por isso, trata-se de “se identificar com uma experiência, com uma realidade, com uma pessoa viva. [...] O resto é sentimentalismo e intimismo” (L. Giussani, apud A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, Coimbra: Tenacitas, 2017, p. 501). Se essa experiência de vida não cresce, ninguém nos convencerá, e então pertencer ao Movimento passará a ser pertencer a uma associação. Mas que interesse poderá isto ter para nós diante do desafio do nada?

Nestes tempos, repetimos muitas vezes que numa sociedade como a nossa “não se pode criar nada de novo a não ser com a vida: não há estrutura, nem organizações, nem iniciativas que resistam. Só uma vida diferente e nova é que pode revolucionar estruturas, iniciativas, relações, em suma, tudo” (“Movimento, ‘regra’ de liberdade”, por O. Grassi, *Litterae Communionis-CL*, n. 11, 1978, p. 44). Uma vida diferente e nova: quando pertencemos a ela, ela renasce em nós e comunica-se, como ouvimos de dois de vocês na nossa Diaconia e depois na Escola de Comunidade. No grande pátio da universidade, um rapaz ouviu duas estudantes como ele falarem, fica curioso, para, escuta, depois se aproxima e diz: “Desculpem se as incomodo, interrompo só porque ouvi que estavam falando de filosofia. Eu sou aluno de Filosofia e nunca ouvi falar assim de filosofia! De um jeito tão interessante”. Só uma vida pode atrair uma pessoa hoje,

até alguém que passa por perto e simplesmente toca na “borda do manto” de um diálogo. Outro de vocês é calorosamente convidado pelo seu adversário político de extrema esquerda a apresentar-se nas eleições. “Por que você quer que eu me candidate?” “Por causa da amizade que você sabe suscitar em todo mundo”. Uma vida! A mesma vida testemunhada por uma médica chilena – com quem estive este fim de semana no encontro dos responsáveis do Movimento da América Latina – que consegue convencer uma cigana a deixar tratar a filha. Aquela mãe ficou de tal maneira impressionada com ela, que na consulta seguinte levou consigo todo o seu grupo de ciganos. Uma vida! Nem mesmo os ciganos, que normalmente ficam fechados no seu grupo, conseguem resistir.

O que pode induzir as pessoas a abrir-se desta maneira? Todos esses fatos não teriam acontecido, seria impossível até mesmo imaginá-los, se não houvesse um lugar, uma companhia fixada por Deus onde as palavras não são ocas, mas cheias de uma vida e de um entusiasmo que nos atraem a nós e aos outros. A luta em que estaremos imersos nestes dias, então, é a luta entre o nada e Cristo. Todas as manhãs optamos ou por Cristo, que dá a vida por nós – “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a própria vida por seus amigos” (Jo 15,13) – ou pelo nada. Mas, atenção, Cristo é uma presença agora. É disto que fazemos memória na Quinta-feira Santa, de um fato que permanece presente na história, entra na nossa vida e a desafia: não é uma recordação do

passado, uma simples lembrança; seria, se a “Vida” não nos alcançasse no presente. É só porque Cristo nos alcança e nos atrai agora que pode suscitar essa afeição que nos liberta de sermos jogados daqui para lá.

“Chegou um momento”, dizia Dom Giussani, “em que a afeição entre nós tem um peso específico imediatamente maior do que uma lucidez dogmática, a intensidade de um pensamento teológico ou a energia de uma condução. A afeição que é necessário manter entre nós tem um único ponto de comparação [uma única urgência]: a oração, a afeição a Cristo”. Se a afeição entre nós não suscitar a afeição a Cristo, vencerá o nada; podemos até estar juntos, mas seremos jogados de um lado para outro, seremos como uma pedra

“Se a afeição entre nós não suscitar a afeição a Cristo, vencerá o nada. Por isso, continuava Giussani, ‘chegou o momento em que o Movimento [isto é, a vida] caminha exclusivamente por força da afeição a Cristo que move cada um de nós, que cada um de nós invoca ao Espírito””

arrastada pela torrente. Por isso, continuava Giussani, “chegou o momento em que o Movimento [isto é, a vida] caminha exclusivamente por força da afeição a Cristo que move cada um de nós, que cada um de nós invoca ao Espírito” (“Corresponsabilidade”, *Litterae Communionis-CL*, n. 11, 1991, p. 32). Peçamos então ao Espírito esta afeição a Cristo, peçamo-la a todo instante, ao longo da manhã, acompanhando o gesto pelo qual Dom Giussani nos introduz no drama da escolha entre Cristo e o nada.

Não permitais, Cristo, que nos separemos de vós! “Ouve-me, fica ainda aqui, / repete-me mais uma vez a tua palavra. / Repete-me aquela palavra que / um dia me disseste e que me libertou” (C. Chieffo, “Ballata dell’uomo vecchio”, op. cit., p. 218).

Sexta-feira Santa, 2 de abril de 2021

- *Monologo di Giuda*
- *Non son sincera*

“Não foi por trinta denários, / mas pela esperança que / ele, aquele dia, / tinha suscitado em mim” (C. Chieffo, “Il monologo di Giuda”, in *Canti*, op. cit., p. 231). Estas são as conotações do drama em que vamos imergir esta manhã. Não teria havido nenhum drama se Cristo não tivesse suscitado em Judas a esperança. Mas é o drama que transcorre entre Cristo e cada um de nós. Em que consiste?

Cristo, vimos ontem, veio para nos trazer a vida que nos arranca do nada, do abatimento, da perda de interesse, da apatia, da morte. Hoje vamos assistir à luta que se desenrola naquela encruzilhada entre o ser e o nada que é o nosso eu, a luta contra Cristo, para arrancar Cristo da terra dos vivos. “Vinde, [...] arranquemo-Lo da terra dos vivos!” (Responsórios, “Eram quasi Agnus”, in *É possível viver como Jesus*, Semana Santa Páscoa CLU, 2021, p. 50). O poder laico (Pilatos) e o clerical (o sumo sacerdote) de então aliam-se nessa luta. A genialidade de Péguy reside em ter identificado o lugar em que ela, em última instância, é travada: o nosso eu, o eu de cada homem.

Ambos os poderes tentavam arrancá-Lo da terra dos vivos porque Ele, a Sua presença que salva, põe em risco o seu poder. Mas esta luta que se trava na grande tela da história reflete outra luta que se está travando noutro lugar, quer dizer, no eu de Pedro e de Judas. Não é só o poder constituído que resiste. Também nós, muitas vezes – influenciados pela mentalidade dominante – resistimos, quando Aquele que reconhecemos como correspondente às expectativas do coração entra em contraste com a nossa medida: não, atenção, com a razão na sua originalidade, como abertura à totalidade da realidade, que floresceu em nós graças à esperança que Ele suscitou, mas com a razão entendida como medida, com os nossos esquemas. A luta é entre a medida de Pedro e a medida sem medida d’Aquele que fascinou a sua vida desde o início: “Desde o primeiro encontro, Ele ocupou todo o espaço de sua alma”, seu coração ficou todo cheio d’Ele. Com a presença d’Ele no olhar, na contínua memória d’Ele, Pedro “olhava para a esposa e os filhos, para os colegas de trabalho, os amigos e os estranhos, os indivíduos e as multidões, e pensava e ia dormir. Aquele Homem tinha-se tornado para ele

como que uma grande, imensa revelação ainda não esclarecida” (L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 91). E será o trabalho de Pedro. Estando com Ele, dia após dia, Pedro viu toda a sua vida desafiada por uma medida que não era a sua.

Aquela Presença superava-o por todos os lados, e quando Pedro se abria a ela, então a sua razão era conduzida ao seu ápice. Jesus levava seu amigo Pedro para além da sua medida, ou seja, gerava-o em outra medida. “Jesus foi à região de Cesareia de Filipe e ali perguntou aos seus discípulos: ‘Quem dizem os homens ser o Filho do Homem?’ Eles responderam: ‘Alguns dizem que é João Batista; outros, que é Elias; outros, que é Jeremias ou um dos profetas’. Então disse-lhes: ‘E vós, quem dizeis que eu sou?’ Simão Pedro respondeu: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’ [Aquele que traz a vida] Jesus então declarou: ‘Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne e sangue que te revelaram isso, mas meu Pai que está nos céus. Por isso, eu te digo: tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a minha Igreja, e as portas do Hades não prevalecerão contra ela’” (Mt 16,13-18). Este reconhecimento – que se chama “fé” – “floresce no limite extremo da dinâmica racional, como uma flor de graça a que o homem adere com sua liberdade” (L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., p. 41). Mas quando prevalecia a sua medida, Pedro errava feio. Logo a seguir de ter pronunciado as palavras

“A luta é entre a medida de Pedro e a medida sem medida d’Aquele que fascinou a sua vida desde o início”

citadas, uma vez que Jesus começou a dizer-lhe que devia ir para Jerusalém e sofrer muito por obra dos anciões e dos chefes dos sacerdotes, Pedro reagiu: “Deus te livre!” Mas Jesus, seu grande Amigo, não recua nem um milímetro, não segue nem por um instante a sua medida: “Vai para trás de mim, Satanás! Tu és para mim uma pedra de tropeço, pois não pensas de acordo com Deus, mas de acordo com os homens!” (Mt 16,21-23). Esta é a verdadeira amizade! Todo o resto é conversa!

Jesus desafia constantemente a medida de Pedro. “Os judeus discutiam entre si: ‘Como pode ele nos dar sua carne a comer?’ [...] Muitos discípulos [tendo as palavras de Jesus superado sua medida] [...] disseram então: ‘Essa palavra é dura. Quem consegue escutá-la?’ [...] A partir desse momento, muitos discípulos se afastaram e não mais andavam com ele. Jesus disse aos Doze [não os poupa do desafio]: ‘Vós também quereis ir embora?’ Simão Pedro respondeu: ‘A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos e sabemos firmemente [pela correspondência ao coração experimentada] que tu és o Santo de Deus’. Jesus respondeu: ‘Não vos escolhi os Doze? Contudo, um de vós é um diabo!’ Ele falava de Judas, filho de Simão Iscariotes, pois esse, um dos doze, haveria de entregá-lo” (Jo 6,52.60.66-71). Ao contrário do traidor, a Pedro, precisamente pela força da correspondência experimentada – ainda que, como os outros, não entendesse as palavras que Jesus tinha dito na sinagoga –, não passava sequer pela antecâmara do cérebro afastar-se

d’Ele. Ao dizer: “A quem iremos?”, Pedro adere não porque entende tudo, mas graças àquela correspondência única, que lhe permite segui-Lo mesmo quando ainda não compreende.

Assistimos à descrição disto ontem, no lava-pés: “Jesus, sabendo que o Pai tinha entregue tudo em suas mãos e que saíra de junto de Deus e para Deus voltava, levantou-se da ceia, tirou o manto, pegou uma toalha e amarrou-a à cintura. Derramou água numa bacia, pôs-se a lavar os pés dos discípulos, e enxugava-os com a toalha que trazia à cintura. Chegou assim a Simão Pedro, que lhe disse: ‘Senhor, tu me lavas os pés?’ Jesus respondeu [é este o ponto]: ‘Agora não entendes o que eu faço; mais tarde o compreenderás’”. Pedro recebe nesse momento o maior desafio. À afirmação categórica de Pedro: “Nunca me lavarás os pés!” – Pedro não tem meias medidas! – Jesus sobe aumenta a aposta até o limite, sem atenuar o desafio: “Se Eu não te lavar [os pés], não terás parte comigo”. Diante de tal promessa, Pedro se rende: “Senhor, [se pões as coisas nesses termos, então] lava-me não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça” (Jo 13,3-9). O que vence nele, a ponto de levá-lo a fazer uma marcha atrás repentina, de induzi-lo a não fazer prevalecer a sua medida? Só a afeição a Cristo.

*“Para se separar de Jesus,
Pedro teria tido de se
renegar a si mesmo, negar
tudo o que vivera”*

Mas o drama continua. Chegam os soldados para prender Jesus no horto. “Simão Pedro, que levava uma espada, puxou-a e feriu o servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita”. Era mais forte do que ele, sua afeição o arrastava! Mas nem com Pedro Jesus cede a uma afeição sem razões e desafia a sua medida: “Põe a espada na bainha. Não beberei, porventura, o cálice que o Pai me deu?” (Jo 18,10-11). À primeira vista, muitas coisas não faziam sentido para Pedro, mas não lhe passava sequer pela antecâmara do cérebro afastar-se d’Ele. Pedro não conseguia ficar fechado na sua medida, porque a Presença que tinha entrado na sua vida suscitara nele uma correspondência total às exigências do coração, introduzira em cada detalhe dos seus dias uma plenitude tão inaudita que alargava a sua razão, fazendo com que Pedro se tornasse mais ele mesmo. Para se separar de Jesus, teria tido de se renegar a si mesmo, negar tudo o que vivera. Ele aceita, portanto, deixar outra medida entrar, a medida de Outro. Jesus podia comunicar a Pedro outra medida porque Ele, em primeiro lugar, tinha atravessado todo o drama que Pedro ia ter de atravessar. Nem mesmo a Jesus correspondia de imediato o que estava prestes a acontecer; com efeito, no Horto das Oliveiras,

disse: “Meu Pai, se possível, passa de mim este cálice. Contudo, não seja como eu quero, mas como tu queres”. Dizendo isto, Jesus renuncia à Sua razão ou a abre a um desígnio maior? “Esta confiança original no Pai, não ofuscada por nenhuma divergência, baseia-se na comunhão do Espírito Santo com o Pai e o Filho: o Espírito conserva viva no Filho a imperitável confiança, graças à qual qualquer disposição do Pai – ainda que fosse a transformação da separação pessoal em abandono [como vamos ouvir hoje: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?”], ainda que fosse isto] – jorrará sempre do amor [do Pai. Entendem a natureza do drama?], à qual agora, uma vez que o Filho se fez homem, será preciso responder com uma obediência humana” (H.U. von Balthasar, *Se non diventerete come questo bambino*, Casale Monferrato (AL): Piemme, 1991, p. 31).

É assim que Jesus vence, é aqui que está a raiz da vitória de Cristo sobre o nada: o modo de vida do Filho é a vitória sobre o nada. Também Pedro terá de atravessar o mesmo drama. Em seu ímpeto, assim como desembainha a espada, da mesma forma tinha afirmado: “Eu nunca te abandonarei!” (cf. Mc 14,29; Mt 26,33), mas diante da criada que diz: “Tu também estavas com ele?”, responde: “Eu nem o conheço”, por três vezes. “E, enquanto ainda falava, um galo cantou. Então o Senhor se voltou e olhou para Pedro. E Pedro lembrou-se da palavra que o Senhor lhe tinha dito: ‘Hoje, antes que o galo cante, três vezes me negarás’. Então Pedro, saindo dali, pôs-se a chorar amargamente” (Lc 22, 54-62).

Aquele pranto amargo fez a diferença entre Pedro e Judas: ambos traíram Jesus, mas, enquanto Pedro chorou de dor, Judas suicidou-se por desespero. Não tinha paz, Judas; não queria ser um “cordeirinho” – julgava – como Pedro; queria – diríamos nós – manter seu senso crítico e sua autonomia. Pelo contrário, Pedro chora amargamente.

Essas duas figuras mostram que o drama se passa todo no eu, no coração de Pedro e no coração de Judas. Por que o drama? Por causa da esperança que Ele suscitara neles: se ela for acolhida, a vida terá um resultado positivo; se, pelo contrário, vencer a negação daquela esperança, o resultado será a vitória do poder. O olhar de Jesus a Pedro, que faz jorrar o pranto, mostra até que ponto a paixão de Jesus pelo seu amigo não diminui nem sequer naquele momento, nem sequer diante da sua tripla negação, quando Pedro é levado por sua fragilidade: o Senhor voltou-se e fixou o olhar em Pedro. Por isso, nem o mal clamorosamente feito consegue arrancar Pedro da sua ligação com Jesus. Amor e incoerência nos parecem incompatíveis, porque identificamos o amor com a coerência. Mas na experiência profunda não acontece assim. Pedro demonstra-o: mergulhou na incoerência mais absoluta, mas esta incoerência não prevaleceu sobre a ligação com Jesus, como demonstra o seu pranto. O sinal da sua afeição inquebrantável será para sempre a sua dor. Essa dor mesma é, com efeito, o sinal evidente, inequívoco, do seu amor por Cristo. Só diante de uma pessoa amada se pode sentir dor pelo nosso mal. A dor é o sinal do amor.

Mas depois de ter mergulhado na dor, como se recomeça? O drama de Pedro não acaba. Aliás, atinge seu vértice diante da pergunta mais impensável que poderia ter ouvido depois de sua mais clamorosa traição, isto é, sua negação. Há desafio maior do que o que lhe fez Jesus? “Pedro, tu me amas?” (Jo 21,16). Nenhuma outra pergunta poderia ter desafiado mais a medida de Pedro, ou seja, a razão de Pedro reduzida a medida. Jesus não quer ser seguido por cordeirinhos sentimentais. Por isso entra no coração de Pedro através da única porta verdadeiramente humana: a razão. Ele desafia Pedro com o amor implicado naquela pergunta. E investindo-o com Sua afeição irredutível, única, Cristo permite à razão de Pedro não se tornar racionalista. Que alcance tem isso para nós? Se o coração não alarga a razão, não há nada a fazer: a medida prevalece. Mas o coração é “a condição para uma sã verificação da razão”, disse-nos Dom Giussani. “A condição para que a razão seja razão é que seja investida pela afetividade e assim mova o homem todo. Razão e sentimento,

“Só pode reconstruir quem foi e é continuamente reconstruído”

razão e afeição: é este o coração do homem” (L. Giussani, *Luomo e il suo destino. In cammino*, op. cit., p. 117). Quando se separa da afeição, como em Judas, a razão enlouquece; quando, pelo contrário, não se separa, como em Pedro, porque foi desafiada pela pergunta de Jesus – “Simão, Tu me amas?” –, recomeça a partida.

Com esta pergunta: “Tu me amas?”, Jesus renova o drama que parecia já estar definitivamente concluído com uma derrota. Se Jesus não tivesse reaberto aquele drama com a sua pergunta, não teria havido história e todo o resto teria sido inútil, não teria ficado nada, o nada teria vencido (Pilatos, Herodes, o Sinédrio). Mas isto é válido para nós hoje: se Jesus não reabrisse continuamente o nosso drama, a nossa vida não se construiria, venceria o nada, porque sozinhos nós não somos capazes de sair da nossa medida. Isto só se torna possível se eu for investido de um amor como aquele de Cristo por Pedro. “O ‘sim’ de Pedro é construído sobre esse perdão [...]. É por isso que o Abade diz a Miguel Mañara que tudo o que pode ter feito em seu passado é como que reduzido a zero. É preciso [realmente] uma força infinita para reduzir a nada algo que existe”. Com efeito, continua Dom Giussani, “o perdão é [...] uma redução a nada de todo o mal que fiz. Mas também de todo o mal que farei, pois daqui a um mês, daqui a um ano, do ponto de vista da forma, serei obrigado a dizer o mesmo que digo hoje” (L. Giussani, S. Alberto, J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, op. cit., pp. 130-131). Tudo isto nunca existiu: só Ele é. Sabem-no

bem as mães e os pais que “zeram a lembrança dos pequenos ou grandes erros cometidos por seus filhos” (Ibidem, p. 131) todos os dias. E tudo pode recomeçar, renascer. A menos que uma pessoa recuse esse perdão. Contaram-me de uma babá japonesa que, diante do perdão que via a mãe conceder constantemente a seus filhos, um dia lhe disse: “Não vou mais trabalhar aqui!” “Por quê?”, perguntou-lhe a senhora. “Porque não consigo suportar que a senhora perdoe a seus filhos, nem a mim”. Para ela, seria preciso eliminar do vocabulário aquela palavra! O perdão introduz na vida uma novidade revolucionária, desafia radicalmente a nossa medida. Para essa babá o desafio era inaceitável, o escândalo era demasiado grande. Deixar-se gerar pelo perdão não é imediato, ainda que seja simplíssimo. Esta é a última provocação à nossa liberdade e à nossa razão, porque, quando uma pessoa está ferida e guarda ressentimento – primeiramente para consigo mesma, devido ao erro feito, ao mal praticado –, fica como que paralisada. Um sinal inequívoco do perdão aceito é, portanto, que a pessoa se solta. Eis, então, a condição para que floresça em nós a humanidade nova: aceitarmos ser perdoados. Não nos deixarmos gerar pelo perdão de Cristo, é esse o nosso diário arrancá-Lo da terra dos vivos: aqui quem O está negando não é o poder constituído, mas o poder da nossa liberdade. E por isso, como Judas, faz-se o jogo do poder, quer seja laico, quer seja clerical. É o prevalecer da nossa medida sobre a Vida que nos gera, sobre a esperança que Ele suscitou em nós.

Por isso, do “sim” de Pedro – que

parece escondido pelo drama que desde aquele momento se desenrola na grande tela da história – surge o povo novo. O “sim” de Pedro é a origem do povo novo do qual fazemos parte. Dom Giussani, genialmente, coloca o “sim” de Pedro na origem, e estabelece a conexão entre a vocação pessoal e o desígnio universal de Deus. É a partir da experiência pessoal do perdão aceito que se pode participar do desígnio universal de Cristo, da piedade de Cristo. Só quem renasce do perdão pode comunicar este acontecimento novo e, portanto, fazer ressurgir cada “Pedro” que encontra pelo caminho. Não por força de um papel, mas porque foi perdoado. Uma pessoa só pode fazer chegar ao outro o olhar de Cristo que ela fez renascer. Só pode reconstruir quem foi e é continuamente reconstruído. Reside aqui o triunfo da piedade que Cristo tem pelo homem.

Não basta uma recordação piedosa para recomeçar a partida. Nem mesmo tudo aquilo que Pedro tinha vivido teria bastado: é preciso Alguém presente. Quem não se deixa gerar agora, não poderá sair sozinho da sua própria medida, que levará sempre a melhor sobre ele. Ninguém gera se não é gerado no perdão. O povo novo nasce desse perdão.

Neste momento, peçamos para entrar nesse drama, pessoal e histórico. O gesto que estamos realizando não é, portanto, uma simples recordação do passado: trata-se, com efeito, de um acontecimento que permanece – Cristo é contemporâneo, está acontecendo agora – e que levanta o mesmo drama do início, o mesmo drama de Pedro e Judas, aqui e agora. ■